



OCHE! O THAUMA CEARENSE: A OLIMPÍADA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS COMO DESPERTAR PARA UM OLHAR FILOSÓFICO SOBRE O CEARÁ E BRASIL

Erison de Sousa Silva ¹

***iOche! El thauma cearense:** la olimpiada de ciencias humanas y sociales aplicadas como despertar para una mirada filosófica sobre Ceará y Brasil.*

Resumo:

A OCHE é uma olimpíada de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas organizada pelo IFCE (Instituto Federal de Educação do Estado do Ceará) desenvolvida com o objetivo de incentivar a pesquisa educacional e cultural. Com o foco no Ensino Básico, ela prioriza o desenvolvimento de conhecimentos em temáticas regionais. O presente trabalho objetiva compreender o modo como a OCHE contribui para um thauma nos alunos do ensino básico. À vista disso, os questionamentos norteadores deste trabalho são: de que maneira a OCHE contribui com o despertar dos estudantes do ensino básico para problemas e reflexões de temáticas cearenses e brasileiras? Em que sentido a OCHE auxilia na divulgação de reflexões dos clássicos da filosofia ocidental e da tradição filosófica brasileira e cearense para a reflexão regional? Responder tais questionamentos pede uma análise de como a Filosofia Brasileira é entendida nas escolas; também é necessário compreender o que é o thauma e analisar criticamente algumas questões propostas pela OCHE. Entende-se que o presente trabalho tenha importância pelo fato de problematizar assuntos que não estão dentro do escopo tradicional do ensino de filosofia.

Palavras-chave: OCHE. Filosofia. Ensino Básico

Abstract:

La OCHE es una olimpiada de Ciencias Humanas y Sociales Aplicadas organizada por el IFCE (Instituto Federal de Educación del Estado de Ceará), desarrollada con el objetivo de fomentar la investigación educativa y cultural. Con un enfoque en la Educación Básica, prioriza el desarrollo de conocimientos en temáticas regionales. El presente trabajo tiene como objetivo comprender cómo la OCHE contribuye a un thauma en los estudiantes de educación básica. En este sentido, las preguntas orientadoras de este trabajo son: ¿De qué manera la OCHE contribuye al despertar de los estudiantes de educación básica hacia los problemas y reflexiones de temáticas cearenses y brasileñas? ¿En qué sentido la OCHE ayuda en la difusión de reflexiones de los clásicos de la filosofía occidental y la tradición filosófica brasileña y cearense para la reflexión regional? Responder a estas preguntas requiere un análisis de cómo se entiende la Filosofía Brasileña en las escuelas; también es necesario comprender qué es el thauma y analizar críticamente algunas cuestiones propuestas por la OCHE. Se entiende que el presente trabajo tiene importancia debido a que problematiza temas que no están dentro del alcance tradicional de la enseñanza de la filosofía.

Keywords: Pathos – Conscience – Democracy

1. Graduado em Filosofia pela UECE e mestre em Filosofia pela UFC. Professor efetivo de Filosofia da rede estadual de ensino do Ceará e pesquisador do Grupo de Estudos em Filosofia Medieval (GEFIM-UFC).

1. INTRODUÇÃO

A OCHE tem proposto uma série de reflexões filosóficas em conjunto com a realidade cearense ao priorizar e tematizar as problemáticas regionais. Sabemos que isso é algo importante para o aluno, refletir sobre a sua própria realidade é um incentivo para a difusão de filosofia. Seguindo a esteira da LDB, é impossível desvincular o ensino de filosofia com os objetivos do documento, visto que o artigo 35, inciso III da LDB, coloca como um dos objetivos do Ensino Básico: "o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico". Indo além desta perspectiva, o ensino de filosofia também pode se apresentar como um projeto de descolonização ou de colonização, caso se sigam os grandes projetos de poder imposto dentro da estrutura social.

Entendemos, dentro de uma análise da estrutura capitalista, que a reprodução da ideologia se concentra em uma alienação em processos da sociedade, onde pouco é visado o entendimento crítico de sua realidade. A filosofia, enquanto disciplina organizada, tem sua importância dentro da sua forma, já enquanto saber colonizado, por propor pensar a totalidade, assim como as causas do ser, ainda tem um desafio maior para o professor. Um desafio que os livros didáticos pouco propõem, que é pensar uma realidade regional. É neste sentido, que a partir da metodologia de análise das provas podemos perceber que a OCHE se apresenta como um bom meio de criar essa identidade direta entre a regionalidade e os problemas filosóficos, ou seja, como meio de refletir sobre a sociedade brasileira e cearense.

2. FILOSOFIA BRASILEIRA APAGADA NAS ESCOLAS

A filosofia parece seguir os caminhos da economia global, nos quais há um norte global dominante de um lado e um sul dominado de outro, onde não somos fazedores, criadores e aparecemos como passivos em relação ao norte. Acabamos, neste sentido, repetindo as coisas desse "norte" filosófico, sem adequação ou o mínimo de envolvimento ou contribuição efetiva. O Brasil não coloca a sua cara na hora do fazer filosófico, reproduzindo aqui o que se fala lá fora, na Europa ou nos Estados Unidos (SOUZA, 2021, pp. 8-9). Os produtores de filosofia, dentro das universidades,

continuam alimentando essa dependência, de modo que influencia diretamente o modo de fazer filosofia na escola.

Podemos associar essa barreira criativa ao nosso "trauma colonial", um passado que se reatualiza constantemente no presente, de modo que faz o pensamento carente e refém da aceitação do Outro. É importante ter em mente que a crítica, aqui presente, à submissão ao "Norte" da filosofia não é uma ideia que pauta o pensamento filosófico fora de sua história. Não se trata de renegar a história da filosofia ocidental clássica, mas de utilizá-la apenas como ferramenta e não como guia absoluto de todas as decisões e conteúdos da filosofia na educação básica. As limitações apresentadas não sufocam apenas a academia, mas se distanciam da realidade do estudante.

Esse comportamento apontado acima é uma constante dentro do pensamento filosófico brasileiro e do modo como ele é transmitido ao ensino básico. Isso está incorporado dentro do currículo, que está longe de ser imparcial diante das relações históricas com o mundo, pois ele é uma expressão das relações de poder, definindo o que pode ser entendido e sufocando um conjunto de outras possibilidades. Assim, de modo geral o que se tem elencado como currículo é "*a ideia de organização, prévia ou não, de experiências/ situações de aprendizagem realizada por docentes/ redes de ensino de forma a levar a cabo um processo educativo (...) sempre parciais e localizados historicamente*" (LOPES; MACEDO, 2011, p.19). O currículo não tem nada de parcial e pressupõe um objetivo, mas qual é esse objetivo na realidade brasileira? O Artigo 35 da LDB nos responde essa questão, principalmente nos dois incisos mais citados dentro da estruturação do Novo Ensino Médio, a saber:

II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; (...)

IV – a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. (LDB, art.35, Incisos II e IV)

Como todo currículo tem uma perspectiva parcial e alocada historicamente, entender a cidadania está dentro dos parâmetros da cidadania global, logo, hegemonicamente dentro do "Norte" que é apresentado

a todos nós como correto, superior e mais desenvolvido. Sabemos que não estamos falando de padrões africanizados ou dentro da concepção da América Latina. Para que isso seja entendido dentro de um contexto prático, vamos analisar como essa estrutura aparece dentro dos livros didáticos. Os exemplos utilizados são os que há de mais atual quando se trata de livro didático, os que foram oferecidos no Novo Ensino Médio para a deliberação e escolha dos professores.

No livro da Moderna: "Poder e Política", no capítulo que se refere exclusivamente de filosofia política, ao tratar da cidadania, ele discorre, através do pensamento político de Aristóteles, utilizando uma citação da *Política* que se aplica apenas ao pensamento grego. Dentro do campo da filosofia política não há uma única citação a um filósofo que não seja europeu ou norte americano, ademais, quando trata dos problemas atuais, o faz de dois modos: 1. se valendo de dados positivistas para exemplificar a crise de representatividade; 2. se utilizando de Agamben para pensar a crise política e efeitos da pandemia. Veja bem, não estamos afirmando que os dados não são importantes ou que o pensamento de Agamben sobre a crise política e pandemia não é relevante, mas parece que ao tratar minimamente da realidade nacional ou se perde o aspecto crítico, se apoiando em puros dados; ou se utiliza de um filósofo europeu para tratar desses aspectos críticos (Moderna Plus: ciências humanas e sociais aplicadas, Poder e Política, 2020, pp.10-25).

Para citar outro exemplo sobre outro assunto, mas da mesma coleção, podemos ver dois capítulos: um sobre Globalização e sociedade no século XXI e outro sobre Sujeitos em Transformação. O primeiro capítulo, quando trata de cidadania ele se utiliza unicamente dos conceitos de Thomas H Marshall em relação ao que significa ser cidadão, e, novamente, quando trata de problematizar a realidade brasileira, se utiliza de dados puros sem uma problematização que se revele filosófica². Já o segundo capítulo trata sobre a crise da subjetividade nos séculos XIX e XX, apresentando autores como Marx, Nietzsche, Freud, Husserl, Sartre e Simone de Beauvoir, Foucault, Deleuze, Derrida, Baudrillard e para ter uma exceção à Europa, Achille Mbembe, falando da necropolítica. Mas, novamente,

não traz uma problematização sobre a realidade do estudante, que é algo naturalmente feito pelo professor. (Moderna Plus: ciências humanas e sociais aplicadas, Globalização, Emancipação e Cidadania, 2020, pp. 130-151).

3. ANÁLISE DA BNCC SOBRE FILOSOFIA E REGIONALIDADE.

Então vamos analisar o currículo base para ciências humanas, e vejamos o modo como a filosofia é posicionada dentro deste currículo. Nas competências específicas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas há um apontamento para a análise da realidade regional e local, ainda na competência 1. Vamos analisá-la:

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica. (BNCC)

Podemos entender que, de fato, há uma preocupação da BNCC nessas análises de processos no âmbito local e regional, e de pensar a pluralidade de procedimentos epistemológicos, o que é importante. No entanto, quando se trata de falar de argumentações filosóficas, elas só se encontram na habilidade EM13CHS101: "Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais". Que já tem uma importância muito grande, mas que diante do desenvolvimento dos livros didáticos do Novo Ensino Médio, se dilui em uma falsa diversidade e que, na realidade, não aponta para nenhum conhecimento regional ou mesmo nacional. Por isso, é importante pensar a possibilidade de uma filosofia a partir do Brasil, do Ceará e da periferia, mas para que isso chegue aos nossos alunos são necessárias algumas atitudes, como pensar uma filosofia brasileira.

2.A referida parte do livro didático se encontra em: Moderna Plus: ciências humanas e sociais aplicadas, Globalização, Emancipação e Cidadania, 2020, p.114. Para ser honesto, o referido capítulo fala sobre os movimentos sociais indígenas, LGBTQIAP+, as mulheres etc, mas acaba sendo um tema que não é muito abordado na filosofia, mas na sociologia.

Para pensar uma filosofia brasileira, há uma necessidade de desvestir-se colonial para que se possa apontar novos caminhos. Logo, quando se trata de uma análise da realidade brasileira, nada mais justo que os caminhos apontados não sejam elaborados por autores que viveram a 2000 anos atrás, mas pensadores que consideram a nossa realidade. Quebrar com o mito da universalidade do pensamento, pautado apenas no critério da branquitude europeia, é necessário. Parafraseando Neusa Santos Souza, em "Tornar-se negro", o narcisismo da branquitude europeia articula estruturas e transações psicodinâmicas, em que a força estruturante do psiquismo faz com que os outros sujeitos se identifiquem e assimilem o pensamento branco como seu (SOUZA, 2021, p.63). Dentro de uma reflexão sobre a filosofia, podemos dizer que o narcisismo monocultural da Europa se impõe dentro do modo de pensar filosofia na escola, faz com que nos identifiquemos com os problemas, pensamentos e ideias desses filósofos que pouco tem a ver com a nossa realidade. Chegando mesmo a questionar se há uma filosofia possível no Brasil ou na periferia do Ceará.

Podemos perceber que pensar a realidade nacional dentro de uma perspectiva filosófica é um desafio, fazer isso em sala de aula só é possível com um esforço hercúleo do professor, visto que estamos dentro de uma estrutura (NEM) que visa o contrário da criticidade radical dos problemas, mas apenas pensa em contornar com soluções fáceis em jargões neoliberais. É neste sentido que podemos ver na OCHE um aliado para o pensamento da realidade do estudante. Imaginando que em sala de aula são apenas 50 minutos de aula por turma, e isso é pouco para a demanda que se pede para o professor de filosofia, a OCHE surge como uma atividade extrassala que nos permite pensar a realidade brasileira e cearense, dentro de suas questões, instigando o debate e o desenvolvimento do pensamento crítico. Acreditamos que a intenção dos elaboradores da prova é a de causar esse *thauma*, que talvez seja despertado, pela primeira vez, em nossos alunos, o pensamento de: "é possível pensar o Ceará filosoficamente?"; "Existe uma filosofia que foi desenvolvida no Ceará e no Brasil?". A OCHE vem fazendo isso de dois modos: 1. nos anos de 2020 e 2021 pensando a filosofia clássica dentro de problemas referentes ao Ceará e ao Brasil; 2. em 2022, pensando a filosofia brasileira e cearense e suas possíveis reflexões para a atualidade.

4. OCHE! O THAUMA CEARENSE

Na tradição filosófica clássica, o *Thauma* pode ser traduzido como espanto e admiração, aparece inicialmente nos textos do *Teeteto* de Platão (*Teet*, 155c-d.) e na *Metafísica* de Aristóteles (*Met A*, 982b15-20 e 983a10-20), e será neste que vamos nos debruçar para analisar o *thauma* causado pela OCHE. Aristóteles afirma que o início do filosofar nos seres humanos se dá pela admiração (*thaumazein*) e isso ocorre em todas as épocas, pois a perplexidade e a dificuldade fazem com que os problemas sejam considerados e progridam pouco a pouco, para ser possível enfrentar problemas de maiores complexidades. O aumento de conhecimento, através da pesquisa, leva a uma elevação maior de problematização e a um estado oposto do que ocorre no início da pesquisa, conquistando maior grau de aprendizado. Mas isso só é possível pelo fato do "admirar" possibilitar o reconhecimento do não saber. "Ora, quem experimenta uma sensação de dúvida e de admiração reconhece que não sabe" (*Met A*, 982b16, p.11).

O *thauma* é uma saída do lugar comum, de onde o comodismo é retirado e entra uma atitude de pesquisador. Seguindo a perspectiva do Estagirita, a pesquisa e o pensar filosófico são resultados da admiração, podemos dizer que é o motor inicial da atitude do conhecimento. Diante dessa perspectiva, quando nos deparamos com problemas da nossa realidade que não tínhamos notado, nos tornamos mais cuidadosos ao tratar sobre eles e buscaremos responder as possíveis questões surgidas do deslindar dos problemas. À esteira destes apontamentos, quando a OCHE apresenta questões sobre a realidade cearense, ela desperta uma centelha do pesquisador nos estudantes, que antes via tal realidade com certa normalidade cômoda, mas ao ser problematizada cria-se o *thauma*. Um *thauma* que aponta não para problemas da Europa ou dos Estados Unidos, mas que está direcionado para o Brasil e o Ceará, que muitas vezes não são considerados objetos de espanto e admiração.

Eis uma das grandes vitórias da OCHE, quando se trata de filosofia, entender que a realidade cearense também é um foco de admiração, que permite esse desenvolvimento e o debruçar filosófico e científico. Fazer o estudante entender a sua ignorância sobre o que ele considerava banal, ao relacionar, por exemplo, uma

greve da Polícia Militar com o filósofo Thomas Hobbes. Dois conteúdos que o aluno certamente já ouviu falar, mas que talvez nunca tivesse construído uma relação sólida entre eles. É neste sentido, que podemos falar que a OCHE é foco de *thauma*, quando seus conteúdos geram uma admiração para a possibilidade do novo, percebendo nas banalidades, possibilidade de se fazer o filosofar no reconhecimento de uma ignorância do que já sabe.

É importante entender como a OCHE faz isso, para isso, utilizaremos os exemplos da própria prova. O exemplo 1, traz a questão 12, que está na 2ª fase da prova de 2021; o exemplo 2, tem a questão 14, que também está na 2ª fase da prova de 2021; já o exemplo 3 contém a questão 24, que está na 3ª fase da OCHE de 2022. O primeiro e o segundo exemplo trazem a reflexão filosófica da tradição para a realidade cearense; já o terceiro exemplo se trata do pensamento de um filósofo que nasceu no Ceará.

Exemplo 1

Na questão 12 da prova de 2021 há uma reflexão sobre um momento da peça que se tornou famosa no cenário do teatro de rua cearense: "Todo camburão tem um pouco de navio negreiro", em que um dos personagens fala: "Protesto, meritíssimo! Protesto! Nós não podemos confundir a reação do oprimido com a violência do opressor.". É uma questão que nos traz uma reflexão sobre a violência através dos pensamentos de Hannah Arendt, Franz Fannon, Sartre e Engels, o que faz com que o estudante necessite pesquisar sobre esses temas, aliado com o conhecimento cultural que ele traz sobre o tema da violência. Considerando que muitas escolas que participam da OCHE são públicas, a violência está geograficamente ao redor dos estudantes, o que faz com que haja o link entre a realidade do indivíduo e a tradição filosófica passada em sala de aula (pois normalmente se fala em sala de aula sobre Hannah Arendt, Sartre, Fannon e Engels).

É perceptível, diante da realidade da periferia do Ceará, que a violência policial se torna uma constante, principalmente contra jovens pretos. Essa é uma realidade inegável, mas que se torna banal, diante da visão de um estudante da periferia, que por muitas vezes normaliza essas relações violentas. Por isso é importante trazer a reflexão dessas questões para o âmbito da filosofia, para que se questione, se entenda que isso não deveria ser normalizado, e, neste sentido,

essa questão traz um *thauma*. Ao trata de um problema visto todos os dias de um modo diferente, abre-se espaço para questionar sobre o conhecimento dele ser simplesmente fechado ou permitir uma possibilidade de mudança ou uma análise fora do pensamento banal formado na mente de quem já banalizou o desumano.

Exemplo 2

Na mesma prova, na questão 14, pode, também, ser visto uma relação possível entre Hobbes e a greve da Polícia Militar que ocorreu em 2020, ou seja, um exemplo que trata unicamente de um filósofo clássico, mas que traz uma realidade que ocorreu no Ceará. Hobbes, que é um filósofo presente em todos os livros didáticos da PNLD e que normalmente está em todos os planejamentos de aula, não é importante apenas para pensar a sua época, mas também para entendermos questões conjunturais da sociedade cearense. Essa é uma admiração que acontece diante de dois objetos já conhecidos, que se interligam diante de uma análise não imediata, mas passível de intuição. O que garante que um estudante não comece a refletir sobre Hobbes em outras instâncias de sua vida? Principalmente quando se trata da relação do Estado e da sua realidade na periferia. Citando a opção B desta questão, isso "nos mostra a importância da Filosofia, o quanto ela é viva e nos permite fazer uma leitura racional do comportamento humano e do homem enquanto um ser político". É aqui que o caráter do *thauma* se evidencia na OCHE: é um start para perceber uma Filosofia viva que pensa a realidade viva e suas contradições políticas e comportamentais.

Exemplo 3

Já na questão 24 da 3ª fase de 2022, podemos ver uma leitura sobre o filósofo cearense Raimundo de Farias Brito feita por Francisco José da Silva (UFCA), onde são utilizados conceitos do filósofo. Essa questão é importante por trazer à tona o pensamento de um filósofo cearense tão ilustre, mas que tem seu nome mais conhecido pela escola homônima. Pesquisar, entender e refletir sobre o que é escrito em nossa terra é fundamental para entendê-la para além das amarras europeias, pensar a crítica, o cientificismo e a redução empirista, é pensar o modo como o positivismo estava entranhado no pensamento brasileiro, é também entender a nossa história do pensamento. Mais do que isso, nos faz ver que temos uma história da filosofia para chamar de nossa, que nos faz ter identidade com uma

disciplina que muitas vezes se encontra a quilômetros de distância da nossa realidade.

5. CONCLUSÃO

A OCHE possibilita, aos estudantes do ensino básico, uma reflexão sobre a realidade cearense, ao mesmo tempo que mostra a existência da filosofia em terras brasileiras, e que muitas vezes, diante das demandas do NEM, não há a possibilidade de ser amplamente discutida em sala. Ela se torna uma possibilidade de combate ao narcisismo às avessas dentro da nossa sala de aula, uma possibilidade de pensar o Universal concreto dentro da realidade brasileira. Acreditamos na possibilidade de o aluno pensar a realidade a partir daqui, de sua vivência, se utilizando de conceitos filosóficos europeus ou brasileiros, o importante é ele pensar a sua própria realidade.

A filosofia existe devido a capacidade humana de questionar e querer explicar a si mesmo, seu mundo e a própria existência. Enquanto tais questões chamarem a atenção humana, causando espanto e despertando sua curiosidade, a filosofia existirá. Nosso problema é que não pensamos a nós mesmos, brasileiros, mas o europeu que é o nosso outro, não pensamos nosso mundo, mas o mundo do outro lado do Atlântico que não é o nosso. Até a existência é pensada pela perspectiva e nos termos do outro, do europeu e do norte-americano. Precisamos (e podemos) pensar daqui, do nosso contexto. (AQUINO, 2020, p.75)

Há vários mecanismos para fazermos o nosso aluno encarar a sua realidade de modo filosófico, mas um que ajuda nessa interpretação é a OCHE, que mais do que uma olimpíada é uma ferramenta na qual fomenta a pesquisa em filosofia e a reflexão sobre a realidade concreta. É importante que sempre haja questões e desafios que tragam essa possibilidade para os nossos estudantes, para além da reflexão sobre um determinado contexto histórico, o faça de modo filosófico. A OCHE é um *thauma* que inicia essa possibilidade de pensamento, uma forma de divulgação que mostra que sim, é possível filosofar no Brasil, é possível filosofar no ensino básico e na periferia, sobre a periferia.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, John Karley de Sousa. Narcisismo às avessas e a nossa filosofia brasileira. In: **Revista de Filosofia do IFCH da Universidade Estadual de Campinas**, v. 4, n. 8., jan./jun., 2020.
- ARISTÓTELES. **Metafísica: volume II**. Trad. Giovanni Reale; tradução de Marcelo Perine. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- Atila Monteiro (Orgs.) ... [et al.]. **Ensaio de filosofia brasileira**. 1 Ed. Fortaleza, CE: Editora da UECE, 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996**. BRASIL.
- LOPES, Alice Casimiro. MACEDO, Elizabeth. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2011. Apoio: Faperj.
- SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- Moderna Plus: ciências humanas e sociais aplicadas, Poder e Política**. 1 Ed. São Paulo: Moderna, 2020.
- Moderna Plus: ciências humanas e sociais aplicadas, Globalização, Emancipação e Cidadania**. 1 Ed. São Paulo: Moderna, 2020.
- Platão. **Diálogos: Teeteto - Crátilo**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1973.